



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

LUZINETE BARBOSA DA SILVA

**NOS ALTARES DE UMA IGREJA, NA SOMBRA DE UM UMBUZEIRO, OS
SERMÕES DE UM CAPUCHINHO: OS DISCURSOS DE FREI DAMIÃO NA (DES)
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS CATÓLICOS NA CIDADE DE UMBUZEIRO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

LUZINETE BARBOSA DA SILVA

**NOS ALTARES DE UMA IGREJA, NA SOMBRA DE UM UMBUZEIRO, OS
SERMÕES DE UM CAPUCHINHO: OS DISCURSOS DE FREI DAMIÃO NA (DES)
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS CATÓLICOS NA CIDADE DE UMBUZEIRO**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação de História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
licenciado em História.

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

S586a Silva, Luzinete Barbosa da.

Nos altares de uma igreja, na sombra de um umbuzeiro, os sermões de um capuchinho [manuscrito]: os discursos de Frei Damião na (des) construção da identidade dos católicos na cidade de Umbuzeiro / Luzinete Barbosa da Siva. – 2011.

61 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Alberto Edvanildo Sobreira Coura, Departamento de História”.

1. Religiosidade 2. Identidade 3. Catolicismo I. Título.

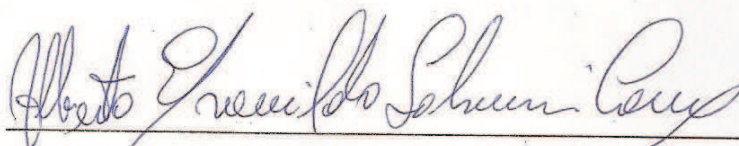
21. ed. CDD 291.44

LUZINETE BARBOSA DA SILVA

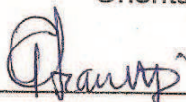
**NOS ALTARES DE UMA IGREJA, NA SOMBRA DE UM UMBUZEIRO, OS
SERMÕES DE UM CAPUCHINHO: OS DISCURSOS DE FREI DAMIÃO NA (DES)
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS CATÓLICOS NA CIDADE DE UMBUZEIRO**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação de História da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de
licenciado em História.

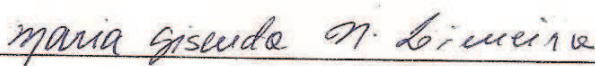
Aprovada em 28/11/2011



Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura/UEPB
Orientador



Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araujo/UEPB
Examinadora



Profª Msª. Maria Giseuda Nascimento Limeira/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Terezinha Barbosa da Silva, pela dedicação, amor, companheirismo e amizade, e a mim mesma por está concluindo mais uma etapa de minha vida estudantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser a luz do meu caminho.

Ao professor Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por sua dedicação.

À minha mãe Terezinha Barbosa da Silva, ao meu pai José Alves da Silva Filho, a minha avó Tereza de Souza Barbosa, as minhas irmãs Roselina Barbosa da Silva e Nair Barbosa da Silva, ao meu sobrinho José Cleyson Barbosa de Santana, ao meu cunhado Antonio Francisco de Sousa e demais familiares pela compreensão por minha ausência nas reuniões de família.

Ao meu namorado Tiago Meira pelo apoio que sempre me deu e pela compreensão por minha ausência nesses últimos tempos.

Aos professores do curso de graduação em História da UEPB, em especial, a prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araujo e Prof^a Ms^a. Maria Giseuda Nascimento Limeira, que contribuíram ao longo de quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e por aceitarem fazer parte de minha banca.

Aos meus colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial, Gildivan Francisco das Neves, Gilmara Tavares Batista e Fernanda Farias de Souza.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus poucos e verdadeiros amigos pela compreensão, carinho e dedicação que sempre me deram apesar de minha ausência em suas vidas.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de discutir a influência dos discursos religiosos de frei Damião na construção da identidade de grande parte dos católicos umbuzeirenses. Os aspectos centrais a serem enfatizados estão relacionados à representação do poder simbólico desses discursos, a relação de poder existente entre o missionário capuchinho e seus seguidores fiéis; e, os elementos discursivos que caracterizam a identidade do povo umbuzeirense. Analisaremos tais aspectos a partir dos dizeres de Andrade (2002), Barros (2004), Certeau (2007), Gomes (1995), Freitas (2006), Foucault (1996), Hall (2006), Pesavento (2005) dentre outros. Nesta produção, os discursos religiosos serão tomados como elementos de fundamental importância para a formação da identidade do povo umbuzeirense. Entretanto, também enfatizamos que além dos discursos religiosos de frei Damião, vários outros elementos influenciam na formação da identidade local.

Palavras - chave: Identidade. Representação. Religiosidade.

ABSTRACT

This work aims at discussing the influence of religious discourses of Frei Damião in the identity construction of great part of Umbuzeiro's citizens. The central aspects to be emphasized are related to the representation of the symbolic power of these discourses, the relation of power existent between the capuchin missionary and his faithful followers; and, the discursive elements which characterize the identity of the people from Umbuzeiro. We will analyze such aspects from the sayings of Andrade (2002), Barros (2004), Certeau (2007), Gomes (1995), Freitas (2006), Foucault (1996), Hall (2006), Pesavento (2005), among others. In this production, the religious discourses will be considered as elements fundamentally important for the identity formation of the people from Umbuzeiro. Nevertheless, we also emphasize that besides the religious discourses of Frei Damião, a variety of others elements influence on the local identity formation.

Key-words: Identity, Representation, Religiousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 DAS PRÁTICAS AS REPRESENTAÇÕES: UM ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO A PARTIR DE SEU PODER SIMBÓLICO.....	16
2 O PODER DO DISCURSO: AS INFLUÊNCIAS DISCURSIVAS DENTRO DO UNIVERSO RELIGIOSO.....	31
3 UMBUZEIRO NA ÓTICA DO DISCURSO RELIGIOSO: FREI DAMIÃO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

A questão da religião está sendo bastante discutida nos dias de hoje, sendo essa uma temática fundamental para a compreensão da história de um povo. As práticas e os sentimentos religiosos de uma dada localidade não são simples tradições de um passado, são representações do “eu” individual ou coletivo que se realizam a cada momento e em cada ato da vida. Esse “eu” – agente ativo na construção de uma realidade simbólica, da qual participa de acordo com sua experiência social – não se limita apenas a reproduzir aquilo que aprende, mas apropria-se de tais práticas e passa a utilizá-las de acordo com suas necessidades espirituais e materiais.

Ao discutir esta temática, tomamos também conhecimento de outros universos que compõem o nosso cotidiano e a nossa consciência, como: o conjunto das idéias; o das mentalidades; o das crenças e o dos ritos; tão importantes tanto na construção das nossas identidades quanto nas nossas relações sociais, visto que para nos realizarmos como pessoas, as necessidades espirituais também devem ser atendidas.

Dentre os elementos que constituem o campo da religião, destacaremos “os discursos religiosos” cujo poder simbólico influencia fortemente na formação pessoal do ser humano. O discurso, elemento que explica e que dá vida ao real é fundamental neste processo de construção e na reconstrução do passado.

Neste trabalho pretendemos debater as formas de poder simbólico presentes nos discursos religiosos, através da personalidade católica “Frei Damião” na cidade de Umbuzeiro, na Paraíba, entre os anos 1977 e 1996. Dessa forma, faremos o recorte de nosso trabalho na cidade de Umbuzeiro pelo fato de sermos cidadãos dessa cidade e porque objetivamos, por meio dos discursos deste indivíduo, ressignificar a memória local. Deteremo-nos a este período uma vez que, de acordo com os mais velhos, a cidade, nesse intervalo de tempo, recebeu com certa freqüência, a visita do religioso. Este, que em suas missões reunia multidões, ainda hoje é lembrado com certo saudosismo pelo povo umbuzeirense.

Assim, podemos dizer que esta produção se justifica exatamente por esta ser uma das primeiras obras de cunho acadêmico a enfatizar a história da cidade e também por servir a sociedade acadêmica para o conhecimento dos estudos históricos, podendo auxiliar em diversas pesquisas relacionadas à nossa temática. Além disso, tem como função a busca da coerência entre o nosso objeto e a noção de representação. Diante destes fatos, nosso foco investigativo pode ser demonstrado pelo seguinte questionamento: como o poder simbólico dos discursos religiosos pode influenciar na formação da identidade de um povo?

Partindo desses fatos, nosso trabalho se situa no campo da História Cultural – campo historiográfico que objetiva decifrar a realidade passada através de suas representações. Nesse contexto, destacaremos a adaptação do objeto “O poder simbólico nos discursos religiosos de frei Damião” no campo das representações, com a finalidade de contribuir para os estudos daqueles cujo interesse acadêmico está relacionado a essa área do conhecimento.

O presente estudo tem propósitos que se aproximam dos estudos de autores como Andrade (2002), Certeau (2007), Freitas (2006), Gomes (1995), Hall (2006), Pesavento (2007), Zaluar (1983), dentre outros. Assim, objetiva-se, na verdade, complementá-los de alguma forma, trazendo luz aos elementos da história religiosa brasileira e à formação da identidade local, que mesmo tendo participado da análise dos referidos autores, não constituíram o foco principal do seu estudo.

Reconhecendo a importância desse viés epistemológico para a nossa produção, escolhemos iniciar este balanço historiográfico pela questão das práticas representativas. A obra “História e História Cultural” de Sandra Jatahy Pesavento, publicada em 2008, constitui um marco importante nesse percurso. Com ela, pudemos acompanhar a trajetória da História Cultural no contexto nacional e as mudanças epistemológicas ocorridas para que esse campo se configurasse como tal. Buscando explicitar a categoria central da História Cultural, Pesavento nos leva a perceber que as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência.

Este setor da História não se limita apenas à produção cultural oficialmente reconhecida, vai, além disso, abarcando toda e qualquer historiografia que se encontre voltada para o estudo da cultura de uma dada localidade. Nesse sentido,

todas as práticas e representações cotidianas se encontram mergulhadas no mundo da cultura, que simbolicamente, expressa e traduz a realidade.

Assim, a História Cultural reinventa o passado na medida em que os pressupostos explicativos da realidade, defendidos pelo conjunto das ciências humanas, passam a ser discutidos e proporciona uma mudança considerável no fazer historiográfico. Fazer este, que nos leva a perceber que as práticas culturais não se resumem apenas ao momento da produção do objeto cultural. Diante disso, podemos dizer que tanto a produção dos discursos religiosos de frei Damião, quanto à recepção deste objeto pelos fiéis que o seguiam, corresponde ao que os estudiosos da História Cultural denominam de práticas culturais.

Nos argumentos de Pesavento (2008), identificamos que tanto os indivíduos quanto os grupos sociais dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Além do mais, percebemos que as representações são também portadoras do simbólico. Nesse sentido, o indivíduo que detém o poder (em nosso caso, frei Damião) tem o controle da vida social e expressa a supremacia adquirida por meio de uma relação de forças. O missionário com seus discursos, “controla” parte da vida de seus seguidores.

Diante destes pressupostos, podemos dizer que nossa inquietação partiu do nosso lugar teórico – metodológico, onde, a partir das representações, percebemos a fluidez, a plasticidade das identidades, elementos construídos culturalmente ao longo do tempo. No tocante a esse conceito, o abordaremos, principalmente, a partir de Stuart Hall (2002), para quem a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, ou existente na consciência no momento do nascimento. Assim, na visão de Hall, a identidade se apresenta incompleta, sendo construída a todo o momento.

Esta noção discutida por ele constitui-se a partir de uma “crise de identidade”, proporcionada por um duplo deslocamento – o indivíduo é deslocado tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo. Nesse caso, o centro essencial do “eu” que era a identidade de uma pessoa, passa a ser modificado ao entrar em contato com outros “eu”.

Entretanto, não podemos esquecer que mesmo estando dividido ou repartido, o sujeito vivencia sua própria identidade como se ela estivesse ainda reunida, como se fosse uma identidade única e não tivesse sofrido nenhuma modificação ao longo

do tempo.

À luz dessas concepções cabe ressaltar que, uma vez que um sujeito domine certo código, poderá exercer um grande poder sobre os demais grupos que não o dominam. Trazendo essa discussão para a nossa área de estudo, percebemos que nos discursos de frei Damião, a linguagem aparece como principal veículo de poder entre os personagens que seguem seus ensinamentos. Ele é o sujeito dominador nesta relação de força.

Maristela Oliveira de Andrade (2002) constitui outro marco decisivo nesse percurso pelos caminhos das práticas discursivas religiosas. Sua contribuição é essencial para o campo religioso brasileiro. Ela percorre em sua obra “500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil”, a longa trajetória da religião e da religiosidade brasileira, discutindo a importância de todas as práticas possíveis no contexto da sociedade.

Dada a importância da religião em nossa formação cultural, seu estudo se propõe a identificar as principais características e recorrências do imaginário mítico-religioso brasileiro ao longo da história. Situando-o no contexto ideológico e social de cada época, procura verificar de que modo idéias que se originaram em épocas tão recuadas, conseguem permanecer vivas e atuantes.

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com a História Oral, enfatizando a importância dos discursos ideológicos de frei Damião a partir dos depoimentos de algumas personagens umbuzeirenses que tiveram experiência com o religioso em questão.

A História Oral, de acordo com Freitas (2006), utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Abrangendo vários campos historiográficos, relaciona-se ao papel de interpretação do imaginário e analisa as representações sociais. É um método de pesquisa que faz uso da entrevista e de outros procedimentos interligados, na produção de narrativas da experiência do ser humano. É técnica e fonte, através das quais se produz conhecimento.

Este caminho metodológico oferecido pela História trabalha com fontes orais produzidas pelo próprio historiador que são os depoimentos colhidos em entrevista. Diante disso, podemos dizer que a história oral, que tem como principal objetivo criar fontes históricas – utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana.

Quando assinalamos as contribuições deste recurso, destacamos a riqueza dos relatos coletados, as especificidades de histórias que outras fontes, talvez, não nos proporcionariam, tendo em vista a própria contemporaneidade do objeto e da problemática de nosso trabalho. Na ressignificação das histórias, ou seja, na seletividade da memória, as questões do passado são recriadas e recontadas por um presente que dá vida a lembranças há tempo guardadas. Um presente, em nosso caso, rico na demonstração do cotidiano dos fiéis umbuzeirenses, cujas atividades religiosas vêm desde tempos imemoriais.

Apesar de tamanha importância, aqui, não temos a menor pretensão de sobrepor às fontes orais às escritas, criando um campo de batalha entre ambas. Trata-se sim de apreender as possibilidades que o registro oral oferece, na medida em que contribui para o entendimento das relações estabelecidas pelos discursos religiosos na formação da identidade de grande parte do povo de Umbuzeiro.

Por isso, de acordo com Freitas (2006), a história oral possibilita trazer à tona sujeitos antes excluídos da escrita da história, colocando-os como elementos centrais no processo histórico. Assim, além de privilegiar a voz dos tidos como grandes homens, atribui um sentido a palavra dos esquecidos ou “vencidos pela história”.

Já com relação à entrevista (técnica pela qual a história oral se faz presente), percebemos que alguns pontos abordados são tratados de forma singular e ao mesmo tempo pluralizados.

Assim, sendo a história oral um dos principais recursos para o desenvolvimento de nossa produção, compreendemos a necessidade de discutir mais detidamente por meio dela, a possível influência dos discursos religiosos na vida de algumas pessoas. Reconhecendo tamanha importância, utilizaremos, em nossa produção, relatos, opiniões e até mesmo fragmentos dos discursos de Frei Damião (estes presentes em algumas publicações que abordam sua trajetória de vida).

Além disso, a fim de atingirmos o referido objetivo, efetivaremos a nossa análise por via de uma pesquisa bibliográfica, onde inicialmente estudaremos autores cujos trabalhos estejam vinculados a noção de representação. E, em seguida, passaremos para a produção acadêmica voltada para a religião e a religiosidade brasileira.

As páginas que se seguem não têm a menor pretensão de exaurir o assunto

relacionado às representações dos discursos religiosos. Nossa intenção é apresentar essa importante corrente de pesquisa de maneira suficiente para contribuir, ainda que em parte, com o estudo do mental coletivo na História, para revelar a importância do passado e das memórias dos homens.

O estudo se inicia muito apropriadamente com um quadro sintético das representações dos discursos religiosos que influenciam na formação da identidade de um povo, situando os antecedentes históricos da religiosidade brasileira, e, ressaltando a importância de eventos específicos, essenciais para a compreensão da nossa cultura e da nossa identidade. Nesse aspecto, o Brasil se apresenta como grande palco da concretização dessas representações.

Assim, dada a importância do campo religioso em nossa formação cultural, procuraremos identificar por meio dos discursos analisados, as principais características do imaginário mítico-religioso brasileiro ao longo da história. E, partindo do catolicismo como principal agente catalisador dessa dinâmica, destacaremos as repercussões que, a partir deste, incorporam a consciência coletiva nacional.

No segundo capítulo, por sua vez, abordaremos as relações de poder existente no âmbito da religião, enfatizando o papel dos dominadores e o dos dominados. A intenção é enfatizarmos que uma vez que haja a dominação de um código por um determinado indivíduo, este passará a exercer certo controle sobre os demais elementos do grupo que não o domina. Frei Damião, como vários outros missionários que não mais se encontram entre nós, só permanecem vivos na mente de alguns fiéis por causa do poder que exerceram e/ou ainda exercem sobre eles.

Por fim, discutiremos a influência de frei Damião na formação do “eu” e do “nós” umbuzeirenses, pontuando a trajetória de sua vida religiosa no cenário nacional para então compreendermos a importância de seus discursos no contexto local. Enfatizaremos além de outros pontos, suas vindas e missões realizadas na cidade.

Objetivando ressignificar a história do povo umbuzeirense, nesse estudo discutiremos a importância dos discursos religiosos na construção da identidade local, analisando seu poder simbólico e a influência que exercem sobre grande parte da população católica do município.

I. DAS PRÁTICAS AS REPRESENTAÇÕES: UM ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO A PARTIR DE SEU PODER SIMBÓLICO.

As práticas e as representações culturais que aparecem na história das religiões e da religiosidade são tão importantes quanto as que aparecem em outras ramificações da história. Neste sentido, vemos que qualquer bem cultural produzido socialmente, está inscrito em um universo regido por esses dois pólos, mesmo que não percebamos diretamente.

Um sistema religioso, seja ele qual for, inscreve-se em uma prática cultural, e ao mesmo tempo inculca naqueles que a ele se submetem determinadas representações destinadas a moldar certos padrões de caráter social e a viabilizar algum repertório lingüístico e comunicativo que será vital para a vida em sociedade, pelos menos como a concebem os poderes dominantes. Assim, diante deste contexto, podemos dizer que tanto as práticas quanto as representações são sempre resultado de algumas motivações e necessidades sociais.

Entretanto, antes de adentrarmos em tais discussões, faz-se necessário compreendermos um pouco acerca da importância funcional desta noção para a história. Neste sentido, vemos que

As “noções” são quase conceitos, mas ainda funcionam como tateamentos na elaboração do conhecimento científico, atuando à maneira de imagens de aproximação de um determinado objeto de conhecimento (imagens que, rigorosamente, ainda não se acham suficientemente delimitadas). Muitas vezes as noções são resultados de uma descoberta progressiva, de experiências, de investimentos criativos de um ou mais autores que podem ou não ser incorporados mais regularmente pela comunidade científica. Mentalidades, Imaginário e Representação são noções que ainda estão sendo experimentadas no campo das ciências humanas – na História, estas expressões fizeram a sua entrada há apenas algumas décadas (BARROS, 2004, p.82-83).

Diante disso, podemos dizer que a expressão em destaque é vista por Barros (2004), como uma noção que busca corrigir lacunas existentes em outras noções,

uma vez que pode abarcar as mais variadas traduções mentais de uma dada realidade.

Ainda como diria Barros (2004, p.82), as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringem a eles, já que, o campo das representações de mundo, é formado a partir de construções simbólicas que expressam diferenças entre as infinitas possibilidades de ser.

Analisando algumas dessas inúmeras possibilidades, tomamos conhecimento de que as representações mais significativas se encontram inseridas no campo do imaginário, do mito e da religião. Assim sendo, podemos dizer que

O imaginário diferencia-se da simples imaginação ou ilusão. Construído e expresso por símbolos, é parte integrante do ser humano. Não se trata de uma transposição através de imagens de uma realidade externa, mas de uma construção interpretativa desta. Nunca apreendemos a realidade em sua forma pura. A imagem que fazemos de um objeto, pessoa ou relação nunca é a coisa em si e sim uma faceta do que sabemos sobre essa exterioridade. Claro que ela independe de nossa existência ou de nosso conhecimento acerca dela: no entanto, ela só existe para nós na medida em que a percebemos e interpretamos. O real é o fruto da interpretação dos humanos sobre a realidade exterior. É esse real que importa, pois é ele que efetivamente chega até nós. O imaginário está comprometido com o real e não com a realidade. O imaginário é o espaço da liberdade, em que novas relações e interpretações são criadas a cada momento, transformando esse real já interpretado (GUERRIEIRO, 2008, p.99-100).

Com esse discurso, Guerriero (2008) procurou enfatizar que a noção de verdade é estabelecida a partir das crenças envolvidas nas representações simbólicas. Assim, nesse universo, é a crença, o elemento formador de valores e de classificação entre as coisas e os acontecimentos que possibilita a apropriação humana do mundo exterior. É o crê do sujeito que faz com que as representações vivenciadas se tornem realidades a serem vividas. Pois, o imaginário é construído e legitimado socialmente. Para tanto,

Consideraremos o Imaginário como um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas. De acordo com esta definição, existe uma interface possível do imaginário não apenas com o campo das "representações", mas também com o âmbito dos símbolos (BARROS, 2004, p.93).

Neste sentido, para Barros (2004), o Imaginário se dá no campo da representação e do simbólico. Entretanto, só é possível se falar em simbólico apenas quando um objeto, uma imagem ou uma representação pode abarcar uma dada realidade, idéia ou sistemas de valores que se quer tornar presente. A partir deste contexto, podemos dizer que na visão do referido autor, a noção de Imaginário é complexa e está aberta a sentidos diferenciados.

Diante disso, percebemos que

O Imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra (LE GOFF, 1980, P.12).

Com relação aos outros dois campos (mito e religião), Guerriero (2008) os coloca como elementos que compõem o campo do imaginário. Assim, para o autor, tanto um quanto o outro só são reais porque fazem parte do imaginário e possuem lógicas internas.

Assim, como a representação tem o poder de substituir a realidade que representa, criando um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem, tais campos se tornam reais. Desse modo, “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de reproduzir reconhecimento e legitimidade social” (PESAVENTO, 2005, p. 41). Esse tipo de força se apresenta fortemente nos discursos religiosos de frei Damião e nas relações de poder existentes entre os membros dos mais variados grupos religiosos.

Diante destes pressupostos, Sabemos que as representações de poder relacionadas a um determinado imaginário popular são fundamentais na caracterização da história de um povo. Nessa perspectiva, a religião católica, dentre outros segmentos do campo religioso, passa a ser também analisada como um instrumento capaz de engendrar um campo simbólico de relações de forças, inclusive de força política, que se configura em diversos tipos de representações. Neste sentido,

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de

legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem (BOURDIEU, 1992, 69).

Dessa forma, de uma maneira geral, a religião com seu conjunto de doutrinas e bens, detêm uma estrutura de poder classificada como simbólica. E nela, as representações sociais derivadas dos símbolos do poder religioso são resultados do posicionamento dos fiéis frente à Igreja, mediante os axiomas doutrinários vinculados ao seu poder político.

Nessa perspectiva, “os símbolos do poder cumprem funções sociais importantes, que, não se restringem apenas à função de comunicação, mas ‘são instrumentos por excelência de integração social’” (BOURDIEU, 1998, p.10).

Assim, por serem os símbolos do poder, instrumentos de conhecimento e de comunicação, possibilitam certa concordância acerca das relações sociais, tornando possível a reprodução e a manutenção da ordem e, à vista disso, no caso da religião católica, a reprodução, integração e manutenção da ordem moral norteadora de comportamento. Desta maneira, os abundantes símbolos religiosos que o catolicismo oferece – em destaque os discursos de Frei Damião – servem, muitas vezes, para ostentação e legitimação do poder, exercendo, assim, funções políticas dentro deste sistema simbólico, que, quando manipulados de acordo com os interesses dos gerenciadores, reforçam ideologias excludentes.

No que diz respeito à relação existente entre as noções ideológicas e as representativas, podemos dizer, que aquelas são produzidas a partir da interação de subconjuntos coerentes de representações e de comportamentos que passam a reger as atitudes e as tomadas de posição dos homens nos seus inter-relacionamentos sociais e políticos. Nas palavras de Barros (2004, p.86) percebemos que a ideologia tanto pode construir representações como pode organizar as já existentes.

Nesse contexto, podemos dizer que, além de ser portadora do simbólico, a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão, sendo, portanto, condutora de um poder e de uma política.

Assim, esta noção conceitual tem a capacidade de substituir à realidade que representa, construindo um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem.

Percebemos isso, nas seguintes palavras:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. (PESAVENTO, 2005, 39-40).

Mediante esta discussão, observamos que na visão da referida autora, o conceito de representação é ambíguo e se estabelece entre a ausência e a presença. Além disso, ela deixa claro que a representação não é uma cópia do real, mas uma construção feita a partir dele. Complementando, ela argumenta que as representações são:

Portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo (PESAVENTO, 2005, p.41).

Ainda fazendo referência a este campo historiográfico, temos que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 2002, P. 17).

Enfatizando esta visão dentro de nosso campo de análise, destacaremos os discursos religiosos no viés católico em sua vertente popular¹, como os elementos que caracterizam tais símbolos, uma vez que são os discursos de frei Damião os elementos manipuladores da vida de inúmeros fieis umbuzeirenses. Nesse cenário, são os símbolos discursivos que irão desempenhar importante papel na representação do poder da religião, ou seja, os discursos serão vistos como instrumentos de dominação inseridos no campo do sagrado (campo esse, que abarca a dimensão valorativa da perfeição, da pureza e do absoluto). Assim,

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

Diante do contexto, percebemos que a forma pela qual o referido autor entende como discurso vai além da noção habitual atribuída ao termo e, que busca identificar os lugares de exclusão, de interdição, de controle que se inscrevem no discurso ou nos sistemas de normas que regem as práticas discursivas. Além do mais, identificamos que mesmo sendo “monitorados” pela sociedade, os discursos, conseguem abarcar consideravelmente a vida de grande parte dos cidadãos, modificando, em muitos aspectos, algumas delas. Isso acontece, principalmente, por que tais discursos são produzidos a partir de escolhas de unidades significativas, que são estruturalmente organizadas, disponível no sistema lingüístico e motivadas socialmente.

Assim, em todos os campos, os discursos produzem sentidos múltiplos. No universo religioso, geralmente, os discursos expressam a relação existente entre o homem e seu superior. Diante de tal fato, podemos dizer que “a religião ao mesmo tempo em que afirma as limitações do homem perante a vida e a morte, aponta a possibilidade de superação delas através de um contato com o absoluto” (ANDRADE, 2002, p.25).

¹ Catolicismo popular é um termo utilizado por autores como Zaluar para referendar a vertente prática do catolicismo que se encontra ligada a uma “matriz erudita”, cujos símbolos e crenças reinterpretem em sua linguagem específica.

Desta maneira, a autora busca definir o campo religioso não apenas no contexto das relações terrenas entre os fieis, agentes e as agências religiosas, mas também no âmbito das relações entre o homem e o transcendente, destacando assim, o imaginário religioso coletivo. Este, que de acordo Andrade (2002, p.26), obedeceria a certos princípios, de tal modo que seria ativado, principalmente, em momentos de insegurança. Além disso, a referida autora destaca que, “o imaginário é a faculdade de produzir imagens que embora extraídas do real e da percepção, são reelaboras e desfiguradas através de um processo criador que reconstrói ou transforma o real” (Idem, 2002, p.26).

Este imaginário religioso, fundamental no processo de formação da identidade de um povo, se destaca a partir da ideologia religiosa que se estabelece. Assim, podemos dizer que a identidade dos fieis umbuzeirenses devotos de Frei Damião, foi e/ou está sendo construída por meio da propagação de seus discursos, (tenham sido eles pronunciados pelo próprio frei em vida, ou pelos seus seguidores posteriormente). Diante desta discussão, percebemos que toda e qualquer identidade é marcada por meio de símbolos. Sendo ela, uma construção tanto simbólica quanto social. Diante de tal fato, vemos que

A construção de identidades é resultado de um jogo simbólico. Manipulamos socialmente nossa identidade, e também a dos outros, para demarcar lugares. Numa sociedade com uma hierarquia complexa como a nossa, as categorias sociais movem-se o tempo todo – em certos contextos, nossa identidade nos faz ser respeitados e, em outros, sofremos preconceito. A partir disso, elegemos os que consideramos diferentes simbolicamente, porém iguais em direitos e posição social e aqueles que consideramos iguais simbolicamente, porém desiguais na posição que ocupam em relação à nossa (KEMP, 2008, p. 83).

A partir deste discurso, percebemos que o universo social, influencia consideravelmente em nosso processo de construção identitária e que construímos nossa identidade a partir de nossos interesses. Dos nossos e dos interesses das pessoas que convivem conosco, do grupo no qual estamos inseridos. Assim, para cada contexto, para cada ambiente que frequentamos, criamos uma identidade diferente, uma identidade própria para cada momento, que pode ser formada tanto no universo simbólico quanto no social. De acordo com Hall (1990), não há uma identidade unificada desde o nascimento até a morte e se sentimos que há, é porque

construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos. Neste sentido,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p.13).

No universo religioso católico, vários elementos contribuem na formação identitária, uma vez que este campo se encontra envolvido por pensamentos, símbolos e formas de comportamentos. Dentre os elementos que caracterizam o mundo da religião e da religiosidade, as representações discursivas se apresentam traduzindo maneiras únicas de ser um grupo humano na infinita possibilidade de ser. Além disso, tais representações buscam desconstruir a idéia de que o real é apenas aquilo que captamos através dos sentidos. E, mesmo que a ideologia científica não reconheça tal realidade, insistindo em ver nas representações do imaginário, fantasias pueris que se aproveitam da credulidade dos ingênuos, ela existe e se faz presente na vida de inúmeras pessoas.

Os elementos que compõem o campo das representações imaginárias realizam-se em cada momento, em cada ato da vida, no modo de agir e de pensar, na vida familiar e na atuação social e política, sendo constantemente afirmados através dos discursos que circulam ao nosso redor. E, conforme essa lógica, os discursos produzidos por determinado segmento religioso, em nosso caso, o católico, se tornam verdadeiros somente na medida em que passam a ser vivenciados. Para isso, faz-se necessário reativarmos sempre que possível, as regras da “política” discursiva². Diante de tal fato, observamos que

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “política” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de

² O termo “política” discursiva foi utilizado por autores como Foucault (1996) para referendar a forma como produzimos e manuseamos os nossos discursos.

coerção; e é provável que não se possam explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva (FOUCAULT, 1996, p. 35-36).

Assim, o campo do discurso é um campo complexo que, de acordo com Barros (2004, p.144), para ser analisado envolve uma variedade de elementos, indo desde as técnicas que visam enxergar a sociedade através do discurso, até as que visam enxergar os modos pelos quais as sociedades se apoderam dos discursos. Entretanto, ninguém entrará na ordem do discurso se não obedecer a algumas exigências, ou se não tiver certa qualificação para realizá-lo.

Além do mais, nem todas as áreas do discurso se encontram abertas e penetráveis. Existem aquelas que reduzem a uma só figura todas as coerções discursivas, limitando assim seus poderes, dominando suas aparições aleatórias e selecionando os sujeitos que falam.

No caso dos discursos religiosos, podemos dizer que estão inscritos em um contexto que não pode ser dissociado das práticas culturais, uma vez que determina para os sujeitos que falam as propriedades singulares e os papéis preestabelecidos. Assim,

A linguagem de qualquer sistema religioso, seja ele letrado ou não, é essencialmente simbólica e, portanto, tem significados implícitos ou inconscientes. Enquanto ideologia, a religião tem necessariamente uma coerência relativa, que, intencionalmente ou não, oculta algumas coisas e revela outras. Mas a religião, como arte, constitui uma espécie de ideologia *sui generis*, que se expressa especialmente através dos símbolos. Como entender, dentro desses pólos, o catolicismo popular que existe numa sociedade de classes e que deriva tanto de uma matriz “erudita”, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva e anônima que a distancia da primeira? (ZALUAR, 1983, p.31-32).

Dessa maneira, a religião aparece como elemento contribuinte para a compreensão dos princípios de estruturação do pensamento que visa, dentre outras finalidades, desconstruir o conceito que legitima como naturais as divisões sociais. Além disso, “há na experiência religiosa um sentido que escapa da luta pelo poder entre os agentes religiosos pelo domínio da distribuição dos bens de salvação” (ANDRADE, 2002, p.25).

Pelo exposto, percebemos que as estruturas de poder de todos os segmentos religiosos, em especial, as da Igreja Católica em sua vertente “popular”, apresentam

um mundo particular dentro do próprio mundo, onde se desencadeia um consenso normativo do sagrado, elaborado e reelaborado pelos especialistas da religião. Este consenso do símbolo e do rito (elementos fundamentais no universo religioso), que são expressões de uma identidade coletiva, pouco a pouco cede seu lugar à dinâmica do discurso religioso interpretado por uma semântica do sagrado. No entanto, não podemos perder de vista que este mundo também é recriado pelos próprios fiéis, já que estes não recebem passivamente o que é proposto pela Igreja Católica.

No que diz respeito à relação estabelecida pelos fiéis entre os dois mundos (o terreno e o espiritual), vemos que ela se orienta, particularmente no catolicismo, por escolhas pessoais do santo de devoção e/ou outros coadjuvantes adotados como intermediadores (missionários de uma maneira geral). Além disso,

Para a manutenção de relações mais permanentes entre os dois mundo é mister o uso de um código de comunicação com o além, que pode ancorar-se em diferentes sistemas religiosos e não apenas no espiritismo, envolvendo inclusive o catolicismo. O brasileiro procura ampliar sempre que possível o contato com seres do outro mundo sem descartar aqueles próprios de sua religião, de modo que as novas relações são assumidas como complementares e jamais como excludentes (ANDRADE, 2002, p.260).

Diante disso, tomamos conhecimento que o outro mundo³, não é um universo totalmente estranho que se tenta evitar, mas um campo que possui certa familiaridade, que sempre que possível, buscamos uma aproximação. Assim, como faz referência à mencionada autora, o intenso interesse do brasileiro pelo outro mundo seria ainda entendido como sendo fruto da idéia de que lá tudo faz sentido, e onde nada é impossível.

A fim de esclarecermos e ampliarmos melhor esta discussão faz-se necessário enfatizarmos a importância da Igreja Católica por meio dos limites estabelecidos pelo discurso institucional, que realiza a manipulação da sua própria expressão concreta através da ação dos atores sociais em sua representação de poder. Assim sendo, frei Damião em nosso campo de estudo, é o elemento

³ Este termo é comumente utilizado por autores como Andrade (2002) para referendar a esfera do sobrenatural.

articulador que, mediante o discurso de poder, constitui um consenso operacional da expressão religiosa da Igreja.

A interação entre os dois mundos e a relação da Igreja com os fieis se dá de forma tácita a partir de uma convenção, mantida não só no rito como também no cotidiano. Uma vez sabendo disso, podemos dizer que são as práticas religiosas os elementos primordiais para a propagação dos mais variados discursos que englobam o campo da religião e da religiosidade. Nesse sentido,

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Sendo assim, podemos dizer que tais discursos expressam, mais que as crenças ou práticas, um emaranhado de significados simbólicos que permite entender o universo das idéias e mentalidades, os ritos do cotidiano, as relações sociais e as instituições políticas, enfim, permite entender a alma, ou pelo menos em parte, a essência do povo brasileiro.

Diante de tal fato, percebemos que o campo de aplicação das representações sociais no estudo da religião é vasto: crenças, valores, ideologias, ética, símbolos, mitos, ritos, etc. No entanto, não podemos esquecer-nos de relatar que na constante tentativa de construir uma narrativa histórica das religiões e da religiosidade, dificilmente conseguiremos acabar com as contradições que costumam aparecer, e muito menos, abarcar em sua complexidade todo o contexto religioso com seus avanços, retrocessos e hesitações, por mais delimitado que esteja.

Ainda explorando os caminhos da religião e da religiosidade e também o universo das representações de poder, destacaremos a importância da história cultural para o nosso campo de estudo, visto que, os elementos que o compõe, se encontram completamente mergulhados no mundo da cultura.

A história cultural como diria Barros (2004), é um campo historiográfico que se torna preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX e que abarca em sua complexidade, não apenas a produção cultural oficialmente reconhecida, mas toda e qualquer historiografia que se volta para o estudo da dimensão cultural de

uma dada sociedade. E, apesar de ganhar notoriedade apenas no finalzinho do último século, essa abordagem histórica se fez presente em muito outros contextos. No entanto, situamos os sintomas da mudança, principalmente, nos anos 1970. Pois,

Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise de paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. De uma certa forma, podemos, por um lado, falar de um esgotamento de modelos e de um regime de verdade e de explicações globalizantes, com aspiração a totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então assentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. (PESAVENTO, 2005, p. 8-9).

Com essa discussão, Pesavento (2005) apresenta algumas das possíveis mudanças ocorridas na sociedade mundial tomadas como marco desta abordagem epistemológica tão discutida na atualidade. E trazendo tamanha importância para o âmbito nacional, percebemos que a ela chega a corresponder cerca de 80% da produção historiográfica brasileira.

Ainda de acordo com a referida autora, a história cultural tornou a dinâmica social muito mais complexa, na medida em que possibilitava a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e interesses. Diante de tal fato, a prática historiográfica alterou-se significativamente e o historiador, influenciado por outras áreas, passou a refletir mais sobre as fronteiras da sua própria disciplina. E, assim, passou a dá mais importância aos elementos culturais, alargando seu universo de estudo. Seguindo essa visão vemos que,

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. Outras menos visíveis, apesar de talvez mais profundas, apontavam para a “passagem de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial para uma História que focaliza os sistemas culturais”, a fragmentação da disciplina, o episódio e pelas diferenças (DE LUCA, 2005, p113).

A partir desta idéia, percebemos que toda a vida cotidiana, direta ou indiretamente, está inserida no contexto da nova história cultural. Uma vez que, de acordo com Barros (2004, p.57), no simples ato de existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão.

No que diz respeito à prática cultural, tomamos conhecimento que toda ela se dá não apenas no momento de produção como também no ato de recepção. Colocando nosso objeto de estudo em questão, podemos dizer que há produção cultural em toda a relação existente entre Frei Damião e os fiéis umbuzeirenses que o seguiram e/ou ainda seguem seus discursos e não apenas no ato discursivo praticado por ele.

Isso acontece porque, como foi mencionado, em todo momento, seja ele de produção ou recepção, a cultura se faz presente. Nesse sentido,

O que é recebido é sempre diferente do que foi originalmente transmitido, porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as idéias, costumes, imagens e tudo o que lhes é oferecido (BURKE, 2002, p.249).

Diante do referido, podemos ligar a idéia de recepção muito mais à estrutura mental do que a uma estrutura visual ou verbal, uma vez que tal estrutura possibilita moldar as atitudes para com o novo. E, na medida em que as moldam, assegura que as mensagens recebidas sejam em alguns aspectos diferentes das originalmente enviadas. Toda esta reflexão nos leva a perceber que,

A história cultural também é uma tradução cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos da época estudada para os de historiadores e seus leitores. Seu objetivo é tornar a “alteridade” do passado ao mesmo tempo visível e inteligível (PESAVENTO, 2002, p. 245).

Nesse sentido, podemos pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos historicamente pelos homens para explicar o mundo. Esta forma de expressão e tradução da realidade que se faz de maneira simbólica, busca

traduzir a linguagem do passado em um tempo presente, reinventando-o significativamente. Resignificar este passado, entretanto, não é tarefa fácil. Tanto não, que para a realização deste trabalho, além de uma vasta bibliografia, fazemos uso também da história oral.

II – O PODER DO DISCURSO: AS INFLUÊNCIAS DISCURSIVAS DENTRO DO UNIVERSO RELIGIOSO.

É com grande alegria que me lembro de Frei Damião. Um homem santo, pregador da palavra de Deus. A sua pregação era simples, direta, popular, mas tocava o coração de todo aquele que o escutava. Converteu muita gente por onde passou, quando já velhinho, agente mal entendia o que ele falava, mesmo assim sua história de vida continuava convertendo muita gente e ainda hoje converte. A mensagem que ele passava vinha do fundo do coração. Percebia isso pelo jeito que ele falava. Acredito que seja por isso que ainda hoje o povo acredita tanto nele. É um santo, que falava muito bonito (JOSÉ RENATO DA SILVA, 2011).

Os discursos como mencionamos no capítulo anterior, porta ideologias e subjetividades, a partir dos quais os indivíduos que destes se apropriam constroem as suas identidades. No campo do religioso, tal aspecto pode ser ainda mais perceptível quando mediante do discurso pronunciado por um líder religioso, muitos sujeitos acabam construindo uma identidade que se afina como a fala do emissor.

Na citação que utilizamos como epígrafe para este capítulo, José Renato da Silva (2011) nos chama a atenção para a influência que o discurso de Frei Damião exercia nos fiéis que acompanhavam os seus sermões. Carregado de admiração e de religiosidade, o depoimento do nosso entrevistado nos permite compreender o quanto os discursos religiosos são fortes e constituem identidades na medida em que são reapropriados e resignificados pelos sujeitos.

Por isso, percebemos que com palavras simples este missionário tocava o coração de quem o escutava, de quem o seguia. E, como nos relata José Renato da Silva (2011), na medida em que o discurso do frei ia interferindo nas subjetividades dos fiéis, convertia-os, fazendo-os seguir o caminho que de acordo com a concepção religiosa adotada pelo líder religioso era o verdadeiro.

Reconhecendo a importância de tais atividades religiosas dentro da comunidade católica em sua vertente “popular”, enfatizaremos a partir deste momento o contexto histórico no qual a relação entre o discurso de Frei Damião e o poder que ele exerce sobre seus fiéis está sendo abordada. Nesta discussão iremos retomar algumas considerações sobre o tema em estudo, lembrando que ele exerce uma grande influência sobre as modernas sociedades.

Assim, conhecer a história do município, enfatizando a religião católica e a religiosidade local, é fundamental para compreendermos melhor como a identidade do povo umbuzeirense vem sendo construída. Diante disso, começaremos analisando os elementos que caracterizam o surgimento e a história do município. Para tanto,

Começa a povoação de nossa terra à sombra de frondosos umbuzeiros, árvores comuns na região, onde se abrigavam esses rudes tropeiros, defendendo-se da canícula sertaneja em suas horas mais ardentes, bem como, ponto de pouso e pernoite, surgindo a povoação denominada “Umbuzeiro”, região alta, de bonita visão regional e clima agradável para as horas mais quentes (GOMES, 1995, p. 16).

Com seu discurso, Gomes (1995) nos leva a perceber que Umbuzeiro foi inicialmente ponto de pouso para os aventureiros comerciantes. Pois, como notamos em alguns de seus relatos históricos, o povoado nasce na região dos cariris Velhos da Paraíba como um canal de passagem dos viajantes que desbravavam os sertões de Campina Grande a Bom Jardim/Recife, no enriquecedor período do “ouro branco” (algodão). Devido a este comércio, Umbuzeiro, então sítio do município de Cabaceiras, foi ponto de pouso e pernoite para muitos comerciantes. Assim, Umbuzeiro que teve início à sombra de frondosos umbuzeiros, graças ao seu crescimento e desenvolvimento, foi elevado à categoria de município em 02 de maio de 1890. E, já em 1892 começa a ganhar destaque sua vida religiosa.

No que diz respeito à história religiosa do povo umbuzeirense, Gomes (1995) destaca que tais atividades vêm dos tempos coloniais, e demonstram a grande devoção dos fiéis. De acordo com ele, a Freguesia⁴ Nossa Senhora do Livramento, hoje paróquia, foi criada no dia 26 de outubro de 1902. Neste sentido,

A paróquia de Nossa Senhora do Livramento de Umbuzeiro foi criada há 21 de outubro de 1902 pelo nosso 1º Bispo Diocesano da Diocese da Paraíba – D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques. Pode-se dizer, que nossa paróquia é uma mudança de sede da freguesia (paróquia) de Nossa Sr^a. do Rosário da Barra de Natuba, pois que toda a sua documentação paroquial está em Umbuzeiro (GOMES, 2002, p.22).

⁴ Freguesia é um termo antigo referente à Paróquia, muito utilizado por autores como Gomes.

Diante desta discussão, percebemos que nossa paróquia foi criada por D. Adauto, então Bispo da Paraíba e que ela nasce a partir da transferência da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário localizada em Barra de Natuba para a Freguesia Nossa Senhora do Livramento em Umbuzeiro. E, daí em diante, a vida religiosa deste povo só fez prosperar.

Dentre as personagens que contribuíram na construção e propagação da história de fé do povo umbuzeirense, está o pároco Edwards Caldas Lins, que dentre outros feitos, implanta na cidade o antigo curso ginásial e traz por cinco vezes o missionário Frei Damião, o homem das missões do Nordeste.

De acordo com relatos de nossos depoentes, vários foram os missionários que vieram a Paróquia Nossa Senhora do Livramento, entretanto, o mais importante deles foi, sem dúvida, Pio Giannotti, nascido em Bozzano, cidade do Norte da Itália, em 05 de novembro de 1898, popularmente conhecido por frei Damião, que chegou ao Recife em 1931 para realizar missões pelo interior do Nordeste. Através de seus ensinamentos católicos e dos sermões abordando o pecado, ele levava multidões às praças para ouvir suas pregações. Percebemos isso nas seguintes palavras,

Ai meu Deus do Céu, a cidade ficava em festa. Era a coisa mais linda! Não era desse jeito de hoje não. Era a coisa mais linda! Era uma encantidade de gente do mundo inteiro. A coisa mais linda! Muita emoção! Ai ia todo mundo esperar ele. Ia esperar ele lá no trevo, no início da cidade. Era a procissão mais linda, maior do mundo! Ninguém o acompanhava não vi ninguém via pisar no chão não. Pensava que ele tava pisando no chão, mas ele tava era voando. Olha, a primeira vez que eu o acompanhei, eu vi que ele não pisava no chão não. Eu tinha sete anos, eu e parece que eu estou vendo hoje, eu vim com minha tia, agente dormiu até lá na casa de seu Antonio Preto. De madrugada, fomos acompanhar ele, já ia passando na casa de seu Antonio preto, ai agente só fez se levantar e acompanhou. E não tinha quase gente, ai agente foi andando e acompanhando. Nunca eu esqueci essa frase. Era muito importante. Era uma coisa importante. Ninguém vê mais uma coisa daquela não. Aqui só ver. Também o povo não dá valor às coisas de Deus. O povo só dá valor à banda, tendo banda (MARIA PERREIRA DA SILVA, 2011).

Maria Pereira da Silva nos diz que todas as vezes que Frei Damião estava para chegar à cidade de Umbuzeiro, a população se reunia e o esperava “lá no trevo”, na entrada da cidade. E, de lá, já saía em procissão. “Era a coisa mais linda do mundo” a quantidade de fiéis que saíam de suas casas para vê-lo, escutá-lo e segui-lo (MARIA PEREIRA DA SILVA, 2011). Continuando, ela nos relata que o que

mais a chamava atenção, era os sermões dele, as pregações, as confissões. Diante disso, podemos dizer que foram os discursos do referido frei (sermões, pregações e confissões) os elementos que mais influenciaram os fiéis umbuzeirenses.

Por esse fato, observamos que, como em vários outros universos, no campo religioso o poder também se faz presente, principalmente, nos discursos dos grandes pregadores que, mesmo sendo simbólico, influenciam fortemente alguns membros de determinadas religiões.

Isso acontece porque como já foi mencionado, quando um sujeito passa a dominar certos códigos, ele poderá exercer, mesmo que indiretamente, um poder sobre os demais elementos que não o dominam. Em nosso contexto, o discurso aparece como o principal veículo de poder entre as personagens que o compõe. É por meio dele que Frei Damião se sobressai sobre os fiéis umbuzeirenses, controlando-os, manipulando-os.

Vejamos um trecho de um de seus discursos caracterizando elementos discursivos manipuladores,

Ah! Talvez devemos aplicar-nos aquelas palavras de David: o homem que foi levado à grande honra, à honra altíssima de conhecer, amar e glorificar a Deus, mas não compreendeu isto, considerou-se igual aos animais brutos e se tornou semelhante a eles. Examinemos como é feita a nossa consciência e veremos como tantas vezes, em lugar de usar a nossa mente para conhecer a Deus, a sua lei, e sua religião, usamos dela para aprender a malícia, para pensar naquilo que não presta. Veremos como tantas vezes, em lugar de amar a Deus sobre todas as coisas, temos preferido o bem passageiro (FREI DAMIÃO apud BRAGA, 2002, p.46-47).

Analisando este discurso, iremos perceber seu poder de persuasão. Poder que não está explícito, para que todos tenham conhecimento de sua existência, mas ele está lá sendo articulado, moldado para então afeiçoar e moldar àqueles que o escuta. Entretanto, “constata-se, no discurso, o retorno sub-reptício de uma retórica metaforizada dos ‘campos próprios’ da análise científica” (CERTEAU, 2007, p. 51). Utilizando-nos destas palavras de Certeau (2007), tomamos conhecimento de que em uma relação discursiva, ocorrerá sempre o retorno sub-reptício⁵ da retórica,

⁵ Retorno sub-reptício é uma expressão utilizada por autores como Certeau para referendar ao ato feito as ocultas dentro de uma relação discursiva.

mesmo que seja indiretamente. Assim, podemos dizer que na relação existente entre o referido missionário e seus seguidores, a reciprocidade também se faz presente e necessária para que cada um se descubra o “como ser”.

E, na medida em que tal relação supõe certa independência e capacidade de cada pessoa em afinidade com outro, oferece a oportunidade de uma construção da identidade a partir deste reconhecimento. Diante desta problemática, podemos dizer que a prática discursiva não se dá a não ser no ceio da relação entre duas ou mais pessoas, sendo que uma delas se sobrepõe às demais. Assim, tomamos conhecimento de que as possíveis relações de poder podem ser caracterizadas a partir da seguinte distinção entre táticas e estratégias realizada por Certeau (2007).

Chamo de “estratégias” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com a exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (CERTEAU, 2007, p.46-47).

Mediante esta discussão, e, tomando como exemplo a relação de poder entre Frei Damião e seus fiéis seguidores, observamos que as personagens desta relação fazem uso de algumas artimanhas para sobreviver dentro dela. Então, sem cessar, os fiéis umbuzeirenses, procuram tirar partido de forças que lhe são estranhas, de forças que lhe são impostas. Assim, dentro desta troca, os fiéis aceitam cada um a sua maneira, os discursos proferidos por Frei Damião, e por meio deles se modificam.

No que diz respeito ao poder simbólico do discurso religioso, podemos dizer que é no interior de seus limites, que percebemos a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam, assim, é no interior de seus discursos, que tomamos conhecimento da importância do referido frei como indivíduo que discorre. E, assim sendo, tais discursos não podem ser dissociados das práticas dos rituais que

determinam sua função, ou seja, do universo que o originou.

Sendo assim, devemos lembrar que nosso estudo se encontra num universo religioso plural, onde

A inconstância no comportamento religioso não é uma exclusividade do segmento popular, mas está presente em todo campo religioso brasileiro, sendo bastante freqüente entre as recentes ofertas da Nova Era, que conjugando os mais diferentes credos e práticas religiosas, constituem um novo espaço de elaboração sincrética (ANDRADE, 2002, p. 190).

Visto isto, podemos mencionar que o campo religioso brasileiro em sua complexidade, possui um amplo contingente de seguidores, que realizam ao longo da vida várias escolhas. Dentre os elementos que auxiliam em tais escolhas, estão os discursos, os tão enfatizados discursos religiosos.

Dessa forma, estamos, há algum tempo, falando que o elemento primordial na produção de nosso trabalho é o discurso, mais precisamente, o religioso. Entretanto, não sabemos o que é ele em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita. Assim, com a finalidade de entendermos pelo menos em parte a existência transitória deste elemento, faremos uso de alguns trechos discursivos que o destaca. Na seqüência temos as seguintes palavras:

Estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém (FOUCAULT, 1996, p. 7).

Pelo que observamos, o discurso tem sim uma grande importância, mas quem a atribui somos nós mesmos, ou seja, o poder que acreditamos que existe em um dado momento discursivo nasce de nosso eu interior e não do ato discursivo em si. Sabendo disso e levando em consideração a importância de tal elemento para o nosso estudo, buscaremos discutir um pouco acerca das relações de poder existente no âmbito da religião católica em sua vertente “popular” e com a finalidade de entendermos melhor tamanha influência, estudaremos a relação existente entre Frei Damião e seus seguidores fiéis.

Para isso, faremos uso principalmente da História Oral, uma vez que será por meio dela que obteremos fragmentos dos discursos do referido missionário. Por isso, antes de adentrarmos propriamente na discussão acerca da suposta relação de poder presente em tais discursos, faz-se necessário conhecermos um pouco desta história.

Partindo para a análise deste recurso epistemológico, percebemos que ele nasceu vinculado

À necessidade do registro de experiências que tinham repercussão pública. Os efeitos e a aceitação coletiva dessas narrativas determinam seu sucesso independentemente do registro oficial, fossem em arquivos ou cartórios. Isso equivalia a uma nova noção de cidadania. A opinião pública emergia como forma de participação em casos que eram de interesse geral, fosse pelos fatos corriqueiros da vida cotidiana ou por inventos de expressões da ciência moderna (MEIHY, 2007, p. 103-104).

Com estas palavras, Meihy (2007) nos faz refletir acerca do uso da história oral como metodologia utilizada no registro de experiências. Assim, dentro de nosso propósito, destacaremos a seguir um trecho de um dos sermões proferidos por Frei Damião, cuja repercussão pública se deu graças à utilização desta metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história, surgida em meados do século XX:

Tudo é feito para um fim... O sol é feito para iluminar e aquecer, a terra para habitar, o relógio para marcar as horas, uma difusora para ampliar a voz. E assim também nós fomos feitos para um fim. Qual é o nosso fim sobre a terra? É criar gado, enriquecer, satisfazer nossos caprichos? Não! O catecismo nos diz: nós fomos criados para amar, conhecer e glorificar a Deus e assim gozar Dele um dia no Santo Paraíso. Eis a idéia fixa na mente de Deus desde toda a eternidade. Eis o termo estabelecido para nossa vida sobre a terra. Poderia haver outro mais nobre, mais sublime? Deus, marcando-nos esse fim, igualou-nos de certa maneira aos anjos, à virgem Santíssima e a si mesmo. Para que são feitos os anjos? Não foram criados com esse fim de conhecer, amar e glorificar a Deus? E com esse mesmo fim não foi criada também a Rainha dos Anjos e dos Homens, a Virgem Santíssima? E tudo o que Deus tem feito e ainda vai fazer no mundo não é tudo para sua glória? Portanto destina, também, nós-mo-nos a glorificar a Deus, nós somos mistos de anjos, da Virgem Santíssima e do próprio Deus. E que honra é pois a nossa? (BRAGA, 2002, p.46).

Segundo Braga (2002), este sermão foi proferido na cidade de Gravatá, em 1972, e gravado pelo jornalista Ricardo Noblat. Foi reproduzido por Gildson Oliveira em sua obra "Frei Damião, o santo das missões" no ano de 1997. No que diz

respeito ao conteúdo deste sermão, percebemos que essas práticas despertam a reflexão nos fiéis. Em todo o momento, ele os leva a crê que tudo tem uma finalidade, sendo a do ser humano conhecer, amar e glorificar a Deus.

Diante disso, observamos que na maioria das vezes, o discurso de Frei Damião é todo permeado por uma crítica às questões terrenas⁶ e por um apelo ao desapego aos bens materiais, característica do setor da Igreja Católica, o qual ele fazia parte, à ordem dos capuchinhos. E, talvez, sejam tais características os elementos primordiais que o coloca como um santo para a maioria de seus fiéis. Entretanto, antes de adentrarmos a esta discussão, é interessante saber quem foi esta personagem tão importante dentro e fora da igreja católica. Assim, enfatizaremos parte de sua trajetória de vida.

Neste campo de análise, tomamos conhecimento de que Pio Giannotti, mais conhecido por Frei Damião, nasceu na cidade de Bozzano no Norte da Itália no dia 05 de novembro de 1898 e faleceu em Recife, Capital pernambucana em 31 de maio de 1997. Sua formação religiosa teve início aos doze anos de idade, momento em que começou a estudar em um colégio de padres. No que diz respeito a este fato, vemos que

Matriculado na Escola Seráfica de Camigliano, em 1910, aos doze anos, Pio Giannotti seguiu a inclinação natural que o levaria quatro anos depois, com dezesseis anos, a ingressar na ordem dos capuchinhos, no convento de Vila Basílica (BRAGA, 2002, p. 21).

Anos depois foi convocado para fazer parte do exército italiano e, neste mesmo período, participou da Primeira Guerra Mundial. Assim,

Em 1917, Pio Giannotti, com 19 anos, foi tirado do convívio religioso com seus irmãos capuchinhos, convocado para servir ao exército. Embora a guerra tivesse terminado em 1917, ele permaneceu servindo ao exército em Zarra, zona disputada pela antiga Iugoslávia, ainda por três anos, até ser dispensado do serviço militar e retornar ao seu convento. No dia 05 de agosto de 1923, com 25 anos, foi ordenado sacerdote em Roma (Idem,

⁶ A expressão “questões terrenas” é comumente utilizada pelos membros da ordem religiosa a qual Frei Damião fazia parte, bem como outros segmentos da Igreja Católica, para referendar aspectos materiais, objetos que seriam adquiridos pelo homem em vida.

2002, p.21).

Visto isto, podemos dizer que Frei Damião foi, antes de tudo, um jovem Italiano que estudou, trabalhou, serviu na guerra e tinha como objetivo ingressar na Ordem Franciscana dos capuchinhos para servir à causa dos humildes, do povo simples. Inconscientemente e sabendo de sua tarefa no mundo, deixou-se levar pela sensibilidade de ajudar a todos que se encontravam desviados do caminho da verdade, isto é, do caminho que para ele era o verdadeiro, tentando ajustá-los aos reais princípios que considerava divinos.

No que diz respeito a esse fato, vejamos o depoimento abaixo:

Hoje frei Damião deixou de vim, ele andava até com frei Fernando. Ele quando deixou de vim, pra mim tem tanta coisa errada, porque os padres sozinhos não dão conta não. E se tem Jesus e um padre forte pra juntar. Tem muita comunidade hoje que não tá ligando a igreja católica. Ah Frei Damião na presença de todo mundo aqui. Ele já era padre e santo. Ai quando dizia Frei Damião tava em Umbuzeiro não ficava nenhuma pessoa em casa não (JOSEFA QUIRINO DO NASCIMENTO, 2001).

De acordo com a nossa depoente, Frei Damião, juntamente com seu companheiro Frei Fernando, quando de visita a nossa cidade, auxiliava bastante o pároco local a guiar seu rebanho. Pois, em sua visão, os padres sozinhos não conseguiam e nem conseguem atender às necessidades espirituais de seus fiéis. Diante disso, podemos dizer que para Josefa Quirino do Nascimento, a importância deste missionário está no fato de seus discursos tocarem com maior intensidade os corações dos fiéis, fazendo com que estes tenham uma maior participação na vida religiosa.

Além do mais, ela acredita que ele é um santo que viveu aqui na terra entre nós. Quando a perguntamos como ela o via, nos deu a seguinte resposta: “Eu vejo Frei Damião, de primeiro eu via como um frade, depois como um, uma pessoa que eu entendia que ele era santo e hoje eu acho que ele é santo mesmo. Frei Damião hoje é santo”. Da mesma forma nos relata outra depoente, “Oh Senhor, vejo frei Damião como um santo, eu vejo Frei Damião como um santo” (MARIA PEREIRA DA SIVA, 2011).

Por meio destes depoimentos, percebemos que muitas vezes os fiéis umbuzeirenses se dirigem a ele nos momentos de desespero, nas situações de perigo da mesma maneira que fazem diante de um santo. Assim, observamos que

esse missionário, enquanto vivo esteve e ainda hoje permanece sintonizado com a religiosidade penitencial do povo, alimentando suas práticas devocionais e trazendo em seus discursos fundamentos moralizante. Os atos, as práticas religiosas rememoradas pelas já referidas senhoras, nos faz ver o quanto esta personagem é importante para suas vidas.

Nesta perspectiva, Frei Damião, enquanto “santo” portador de um poder simbólico, contribui para a construção da força representativa dos discursos religiosos pelo fato de, quase que na sua totalidade, seus discursos serem feitos a partir da realidade da própria comunidade, Conseguindo assim atingir de forma mais eficaz o público que constitui sua clientela de fiéis e estabelecendo uma maior relação entre ele próprio e seus seguidores. Além do mais, vale ressaltar que o referido frei, teve sua trajetória marcada por situações existenciais e contextos de vida semelhantes ao que também configura a realidade de grande parte de seus seguidores.

Assim, através de seu discurso, ele controlou e/ou ainda controla parte da vida de seus fiéis. Pois, por mais simples que o discurso tenha sido e/ou seja, as interdições que os atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Na realidade, o discurso não só manifesta e oculta desejos, como também é o próprio objeto de desejo. Diante deste pressuposto, podemos dizer que a coerção ou o controle do discurso impõem regras e limitam as pessoas, não permitindo que todos tenham acesso a ele, pois nem todas as regiões do discurso são facilmente penetráveis.

Neste sentido, o discurso religioso é um discurso usado como meio de poder e supremacia em confronto com muitos outros que estão presentes ou surgindo na sociedade e contra os quais se trava uma luta ideológica. É nesse cenário que vemos que,

Os fiéis brasileiros não são jamais definitiva ou exclusivamente fiéis de uma mesma religião, realizando ao longo da vida escolhas, mudando a direção de suas súplicas, visando acima de tudo aumentar a eficácia simbólica das instâncias sagradas manipuladas. Daí provém o forte sentido mágico da religiosidade brasileira, que emerge em quase todas as formas religiosas que florescem no Brasil (ANDRADE, 2002, p. 257).

Diante disso, observamos que mesmo um discurso tão consolidado como é o

religioso no viés católico, sofre influências de vários outros com os quais partilha e aos quais contrapõe idéias ou delas faz uso para estabelecer o seu sentido.

Por isso dizemos que analisar um discurso religioso é um desafio que nos faz pensar não apenas na materialidade das palavras, como também em questões externas ali envolvidas e, nas muitas questões que serão levantadas a partir de um determinado contexto. Aqui, a palavra de Frei Damião é apenas o norte a partir do qual se formarão muitos outros discursos e que estarão em contínuo diálogo com os já enraizados ou recém-construídos na sociedade.

Considerando este campo de análise, e enfatizando os depoimentos de alguns fiéis, percebemos que as pregações do frei tinham objetivos bem claros e estavam direcionadas tanto para adultos quanto para crianças. Seus objetivos eram claros e ainda hoje se fazem presentes no contexto da referida comunidade. Tarsila Maria da Silva, 84 anos de idade, nos fala um pouco de sua experiência com o frei. Ela não sabe ao certo quantas vezes Frei Damião veio à cidade, mas nos relata sua primeira experiência com ele. As palavras dela são as seguintes:

Não sei quantas vezes frei Damião veio aqui pra Umbuzeiro. Mas, na primeira vez que ele veio, a primeira vez que ele veio, veio ele e frei Antonio. Era o companheiro dele. Lembro como se fosse agora, quando foi na primeira noite de sermão ele botou um bocado de papel, assim, era dos crentes. Ai ele botou fogo. E, e ele era baixinho. Ele pisando e ai o povo (neste momento ela fez como se estivesse pulando). Ai fez a noite, ai continuou e falou muito de quem deixa a religião de Deus e entra na lei de crente, viu minha filha? Reclamou muito o povo. Mais o povo entrou aqui e saiu aqui (fez gesto apontando para os ouvidos) agora é que tem crente (TARSILA MARIA DA SILVA, 2011).

Por meio destas palavras, vemos que os sermões proferidos pelo frei, objetivavam, de maneira direta e/ou indiretamente, moldar os padrões de vida daqueles que os ouviam. Em nossa cidade, Frei Damião teve grande participação, uma vez que esteve sempre que pode estar presente, a serviço e atento aos problemas espirituais da localidade. E, como já mencionamos, em seus discursos sempre fez grandes críticas aqueles que atribuem grande importância às questões terrenas, se apegando a certos bens materiais e se esquecendo de sua finalidade enquanto cristãos, filhos de Deus.

Nesse contexto, percebemos que o discurso do frei, em algumas ocasiões, se apresenta carregado de figuras de linguagem que o caracterizam como ato retórico.

Pois, na maioria das vezes, Frei Damião inicia o seu discurso com uma alegoria, isto é, uma descrição ou uma narrativa que enuncia realidades conhecidas, concretas, para comunicar metaforicamente uma verdade abstrata. Percebemos isso nas seguintes palavras:

Meus irmãos, por vosso bem, para o bem de vossas famílias, para a prosperidade da Pátria, conservai sempre em vós este espírito religioso que vos anima. Digo para o vosso bem e para a prosperidade da Pátria, porque a religião não somente é útil para os indivíduos e para as famílias, mas também para a sociedade. A história aí está para demonstrá-lo, a primeira pedra de qualquer sociedade sempre foi a religião. E quando esta pedra foi derrubada, também a sociedade caiu em ruínas. Repito, pois: conservai sempre em vós este espírito religioso que vos anima e prestareis ao Brasil o maior serviço que podeis prestar (FREI DAMIÃO apud BRAGA, 2002, p.43).

A partir de tais palavras, Braga (2001) busca apresentar um pouco do significado existente no falar de Frei Damião. Discurso que abarca em sua complexidade, todo o contexto de uma dada sociedade.

Assim, levando em conta que atualmente os estudos sobre religião e religiosidade valorizam os fenômenos religiosos de forma diversificada e reconhecem que tais questões permeiam a vida cotidiana, fornecendo-as elementos para a construção de identidades, podemos dizer que o nosso maior esforço é entender até que ponto os mecanismos dos discursos religiosos interferem na real construção da identidade do povo umbuzeirense.

Diante de tal fato, percebemos que a relação entre discurso e poder não pode ser vista apenas partindo da visão de como as relações de poder constituem o discurso, mas é preciso compreender também como o discurso reproduz e assume, ele mesmo, a forma de uma relação de poder. Assim, no próximo capítulo, trabalharemos a influência dos discursos religiosos na construção da identidade dos umbuzeirenses, abordando tanto as relações de poder que constituem os discursos quanto os mecanismos dos discursos que reproduzem e assumem a relação de poder.

III. UMBUZEIRO NA ÓTICA DO DISCURSO RELIGIOSO: FREI DAMIÃO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

As questões relativas à identidade social são complexas, envolvendo processos psicológicos, cognitivos e sociais. Localizando-se na interseção do individual e do coletivo, recolocam o problema teórico da articulação entre identidade pessoal e identidade social – coletiva, ou que tem por referência um grupo social. Tratada em contextos teóricos diferenciados por diversas disciplinas – psicologia social, psicanálise, sociologia, antropologia, semiologia, filosofia etc. – a identidade constitui-se em um campo de trabalho multidisciplinar, que talvez apenas pelo intercâmbio de diferentes enfoques e contribuições possa ser eficazmente desvendado (PENNA, 1992, p.13).

A identidade, como foi reportada no capítulo anterior desta produção, se constrói também dentro do universo religioso, principalmente a partir dos discursos de seus líderes. Assim, podemos mencionar que tais discursos proferidos com suas ideologias e subjetividades, contribuem na construção de identidades, na medida em que são introjectados por aqueles fiéis que encontram neles um sentido.

No texto que utilizamos como epígrafe para esta parte de nosso estudo, Penna (1992) nos leva a perceber que existe uma variedade enorme de definições e empregos diferenciados da noção de identidade, principalmente quando se refere à prática social, isto é, quando se refere à construção da identidade coletiva.

Nesta perspectiva situa-se o nosso último objetivo, que, dentro de seus limites, procura discutir a partir da relação que há dentro da Igreja Católica em sua vertente “popular” e dos depoimentos coletados entre alguns fiéis, a contribuição que a religião (os discursos religiosos de Frei Damião) oferece para a formação da identidade, tendo em vista particularmente o estudo da questão dentro da sociedade umbuzeirense.

Assim, diante da importância dos discursos religiosos neste estudo, faremos um apanhado histórico da religião e da religiosidade brasileira, na medida em que discutimos a influência discursiva de Frei Damião na formação identitária do povo umbuzeirense. Começaremos por ressaltar que a religião não só entremeia o centro da vida social deste povo, como na visão de alguns de nossos depoentes, continua

sendo um exemplo explicador das razões de ela ser como é.

De fato, muitos dos fiéis seguidores do capuchinho viviam e ainda vivem somente de acordo com seus ensinamentos. Percebemos isso nas seguintes palavras,

A importância de frei Damião e as missões para mim foi que me deixou tão católica, que graças a Deus os anjos São Miguel, São Gabriel, São Rafael entraram em minha casa e daqui não saíram mais. Por que ele mesmo dizia, olha peça aos anjos que eles lhe guiam. E ele mesmo dizia meu santo anjo do senhor, meu zeloso guardador. E tudo que ele contava, eu colocava na cabeça e graças a Deus sou muito feliz (JOSEFA QUIRINO DO NASCIMENTO, 2011).

Diante de tal fato, observamos que os discursos religiosos de frei em questão influíram na formação do imaginário religioso brasileiro, em especial o umbuzeirense, moldando direta ou indiretamente os comportamentos de seus seguidores.

As palavras de Josefa Quirino do Nascimento (2011), utilizadas acima, nos levam a perceber a influência que este missionário exercia sobre as vidas de todos aqueles que o escutava, principalmente a sua. Durante nossa entrevista, a depoente menciona várias vezes que foi graças a este missionário que ela passou a ser a pessoa que hoje é (mais católica e mais crente a Deus). Diante deste contexto, percebemos que a concepção de catolicismo de nossa depoente foi construída a partir de Frei Damião. No que diz respeito a isso, temos

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2002, p. 11).

Com este discurso, Hall (2002) afirma que construímos nossas identidades a partir de mecanismos externos. No caso de Josefa Quirino do Nascimento (2011), este mecanismo externo é a fala do religioso.

Assim, tomamos conhecimento de que as idéias construídas no âmbito da história religiosa do povo umbuzeirense, inseridas em seus respectivos contextos

ideológicos, são fundamentais para a construção da identidade local. Entretanto, não podemos perder de vista que “o que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a ‘forma invisível’ do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza” (GIDDENS apud HALL, 2002, p.72).

Diante de tal fato, evidenciamos que a identidade local é formada a partir de múltiplas identidades, e que “a construção da identidade de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação” (CHARTIER, 2002, p.112).

Desta forma, interpretar tais idéias, além de nos fornecer informações acerca da formação da identidade dos umbuzeirenses, produz uma racionalização doutrinária, que torna a prática religiosa mais acessível e compreensível junto aos fiéis. Pois, as histórias vivenciadas por uma determinada pessoa e/ou localidade, são, antes de tudo, interpretações de uma realidade presenciada.

Além do mais, é interessante enfatizarmos que uma identidade se constrói na medida em que entra em contato com outras identidades. Para tanto, “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2002, p. 75).

Com seu discurso, Hall (2002) nos leva a perceber que a construção de uma identidade, seja ela individual ou coletiva, se dá a partir do confronto entre uma variedade de novas identidades. Assim, diante dessa discussão, tomamos conhecimento de que a identidade do povo umbuzeirense vem sendo construída a partir de uma multiplicidade de elementos que caracterizam outras identidades, mas que quando interligados à cultura local, constitui traços denominadores de sua identidade.

Nesta perspectiva, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade dos umbuzeirenses, em nosso trabalho, como já mencionamos, serão explicadas a partir dos discursos religiosos de Frei Damião. Desta maneira, o fortalecimento da identidade local será visto na propagação da história de vida deste missionário.

No que diz respeito ao comportamento dos fiéis umbuzeirenses, tomamos conhecimento de que, por mais que acreditem em determinada personalidade

religiosa (em nosso caso específico, Frei Damião), muitos de nossos depoentes também praticam atividades secundárias, pertencentes a credos religiosos diferentes. Desta forma, percebemos que

A inconstância no comportamento religioso não é uma exclusividade do segmento popular, mas está presente em todo campo religioso brasileiro, sendo bastante freqüente entre as recentes ofertas da Nova Era, que conjugando os mais diferentes credos e práticas religiosas, constituem um novo espaço de elaboração sincrética (ANDRADE, 2002, p. 190).

Este discurso de Andrade (2002) sobre o comportamento religioso do povo brasileiro revela a complexidade de suas práticas religiosas. O objetivo de nossa produção não é discutir essa complexidade, entretanto, ficaria sem sentido se a deixássemos de mencionar.

A partir destes pressupostos, observamos que, apesar de tamanha importância atribuída aos discursos religiosos do catolicismo, o sincretismo se faz presente em vários dos grupos que compõem o cenário religioso brasileiro, inclusive o umbuzeirense. Nesta perspectiva, temos a seguinte idéia:

O sincretismo deixou de ser típico de povos que viveram experiências históricas de dominação colonial, para se inserir num processo que atinge todas as culturas em escala planetária, através do chamado fenômeno da globalização. O sincretismo como fenômeno religioso tem sido alvo de discussões acirradas entre pesquisadores e religiosos partidários ou contrários ao processo de sincretização, que afeta de alguma forma a maior parte das religiões. [...]. O sincretismo é entendido como um processo ainda profundo em que ele assume um caráter imperceptível, na medida em que a religião não só assimila, como reinterpreta, para depois refundir elementos de outras religiões que se adequem à sua própria identidade (ANDRADE, 2002, p. 214-215).

Desta forma, tomamos conhecimento de que todas as grandes religiões sofreram e/ou ainda sofrem um profundo processo de sincretização. Entretanto, trazendo esta discussão para o nosso campo de estudo, não podemos perder de vista que o missionário já mencionado sempre fez severas críticas a este processo, isto é, às demais práticas religiosas, dentre as quais se destacam às evangélicas. Observamos tal discurso nas seguintes palavras:

Ele tinha muito carinho com os fiéis. Nos seus sermões, em suas pregações aconselhava as pessoas. Pois ele sempre dizia que as pessoas eram, que tem muito pecado. Ele dizia que aqueles que não chegavam ao pé da confissão, estavam condenados. Quem não receber as bênçãos do pai, tá condenado, tá no fogo do inferno. E criticava muito os crentes. Ele falava também que a religião verdadeira era a católica (MARIA PEREIRA DA SILVA, 2011).

Partindo deste depoimento, evidenciamos as críticas feitas às demais atividades religiosas, julgadas por Frei Damião como sendo errôneas. Pois, como menciona a nossa depoente Maria Pereira da Silva (2011), apesar dele ser muito atencioso para com seus fiéis, criticava qualquer outra atividade que não se encontrasse dentro de seu universo religioso, principalmente as práticas religiosas dos evangélicos.

Diante desse fato, tomamos conhecimento de que tais críticas permeavam o universo discursivo deste missionário capuchinho. Assim, podemos dizer que direta ou indiretamente, elas também influenciaram e/ou influenciam na personalidade de cada um dos seus seguidores fiéis, fazendo com que eles critiquem severamente os evangélicos. No relato a seguir, percebemos a força desta relação

Frei Damião disse que umbuzeiro ainda ia ser coberto de melão. Ele falou que se o povo de Umbuzeiro não se chegasse ao catolicismo à cidade ainda seria coberta de melão. Eu não acredito que isso vá acontecer, mas pra que isso não aconteça o povo tem de tomar uma atitude maior. Tem que freqüentar mais a casa de Deus, porque é difícil ter até dez jovens na igreja no domingo pela manhã. E o povo mais velho vai se acabando e como fica a igreja? E eu acho que coberta de melão não vai ser não, mas, há muito evangélico tomando conta de Umbuzeiro. Isso, não pode acontecer não. Mas, quando eles chamam pra casa deles as jovens não tem vergonha de cantar e os católicos têm. Eu mesma com a idade que eu estou eu chego ali eu canto eu rezo porque rezar não é pecado, rezar só faz o bem. Cantar só faz o bem e quem canta seus males espanta como diz a história (JOSEFA QUIRINO DO NASCIMENTO, 2011).

Os fiéis seguidores do frei canalizam a sua fé nos poderes ideológicos de seus discursos e, através deles, buscam alcançar seus objetivos de vida. Desta maneira, eles constroem suas identidades selecionando os elementos discursivos que melhor os caracterizam como fiéis e opondo-se a outras práticas religiosas tais como a dos evangélicos, vistas pela depoente como uma ameaça à manutenção da

Igreja Católica na cidade de Umbuzeiro.

No relato acima de Josefa Quirino do Nascimento (2011), percebemos que, da mesma maneira como o missionário capuchinho se referia aos evangélicos em seus sermões, a maioria de seus fiéis também se referem, inclusive ela própria. Ao analisarmos seu discurso, observamos que nossa depoente indiretamente, menospreza os evangélicos, criticando-os por serem, em alguns momentos, mais dedicados do que os próprios católicos. E, de acordo com ela, os umbuzeirenses católicos precisam se transformar para não perder terreno, perder fiéis para os evangélicos. Pois, quando estes convidam seus jovens para sua casa, todos vão e não sentem vergonha, ao contrário do que acontece com a grande maioria dos jovens católicos.

Nesta perspectiva, podemos dizer que os discursos deste capuchinho são como árvores que quando ficam raízes no chão, dificilmente são derrubadas. Pois,

Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria. Deste tronco hão de nascer diversos ramos que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria, e continuados nela. Estes ramos não há de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo isto há de ter frutos, que é o fruto o fim que se há de ordenar o sermão (VIEIRA apud ANDRADE, 2002, p.115).

De acordo Andrade (2002) Vieira foi bastante didático e formal ao traçar as coordenadas que emprega com fidelidade em seus sermões, revelando a sua familiaridade com uma rigorosa teoria do conhecimento. Diante de tal fato, percebemos que para se fazer bem entender, ele defende que é preciso evitar a variedade de temas, bem como os excessos de estilos cultos, de modo que o sermão deve atingir não só os cultos como os rústicos. Assim sendo, o sermão deve abordar um só assunto, desenvolvendo-o em várias direções até que se possa concluir e persuadir, de tal modo que o pregar assemelha-se, segundo ele, a uma árvore.

Neste prisma, também se encontram os discursos religiosos de Frei Damião, que dentre outras finalidades, tem o intuito de persuadir e de converter seus fiéis. Seus discursos, que geralmente eram bem alicerçados, visavam, antes de tudo,

apreender a atenção daqueles que os escutavam. Entretanto, nem todos se deixavam e/ou se deixam influenciar por tais alocações até o final da vida. No que diz respeito a isso, temos

A última vez que frei Damião veio pra umbuzeiro, há uns seis anos atrás, meu sogro veio assistir os sermões dele e veio pra se confessar. Confessou-se. Ninguém sabe como, mas foi frei Damião quem ensinou a ele. E quando terminou a confissão, frei Damião perguntou a ele, o que significava a hóstia, e ele falou que a hóstia significava uma bolacha. Não é uma bolacha! Ai frei Damião bateu com um livro na cabeça dele e disse, levante-se cavalo. Ai ele não ficou gostando de frei Damião não. Genival, meu genro também não gosta de frei Damião não. Eu não sei o porquê não, mas acredito que seja porque o mau feito ele dizia. O que era certo, o que era errado. Não sei se ele dizia que não gostava era se fazendo, se amostrando, sei lá (MARIA PEREIRA DA SILVA, 2011).

Por isso, observamos que a construção da identidade umbuzeirense se dá tanto no contexto religioso quanto fora dele. Entretanto, a identidade, como uma construção simbólica, faz-se presente principalmente a partir dos discursos do missionário capuchinho. Pois, tais discursos se caracterizam em um conjunto coeso de símbolos que consegue manter aceso, vivo, o sentimento de pertencimento e de reconhecimento de seus fiéis. Desta forma, podemos dizer que a concepção de religião dos moradores católicos de Umbuzeiro foi ou está sendo formulada a partir das falas de Frei Damião e/ou das negações destas.

Assim, com suas palavras, Maria Pereira da Silva (2011) nos leva a perceber que muitas pessoas não tiveram suas subjetividades tocadas por Frei Damião.

Nesse sentido, observamos que apesar dos discursos religiosos serem de fundamental relevância haja vista que estão entre os maiores produtores sociais e culturais de informações, reverberando muitas vezes as ações de outros agentes não menos importantes, muitos dos fiéis católicos da cidade de Umbuzeiro não tiveram suas subjetividades tocadas pelo frei. Sendo assim, podemos dizer que tanto os discursos quanto a negação deles contribuem na construção da identidade local.

De acordo com estes pressupostos, podemos dizer que a identidade umbuzeirense nos discursos de Frei Damião é construída a partir de representações simbólicas que buscam corresponder a uma identificação deste missionário com os seus seguidores fiéis. Esta identidade, muitas vezes, é criada através da seleção de elementos discursivos e identitário utilizados em todo o processo de produção dos

sermões e pregações.

Dessa forma, percebemos que tal dimensão discursiva pode contribuir de maneira ativa para a formação de grupos sociais e mutações de identidades. Pois, a identidade criada por tais discursos, faz com que a população se identifique com a cidade. Nesta perspectiva, a identidade

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2002, p. 13).

Com seu discurso, Hall (2002) nos leva a perceber que uma identidade se constrói a partir da multiplicidade de identidades que existe dentro e fora do nosso “eu”. Assim, podemos dizer que a identidade do povo umbuzeirense está sendo construída através da união das identidades dos sujeitos que compõem a cidade e daquelas identidades formadas exteriormente a ela.

No que diz respeito ao retorno a ser alcançado pelo missionário capuchinho, podemos dizer que pode ser aferido por meio da sua relação com seus seguidores fiéis. Sendo que quanto maior for à identificação destes com sua pregação, maior será o interesse deles em acompanhar, em seguir os caminhos apresentados nos discursos, fortalecendo assim um laço social no qual tanto um (o frei) quanto o outro (os fiéis) são beneficiados.

Neste contexto, percebemos que os discursos religiosos, no que concernem às funções sociais e políticas e do seu poder correspondente, age em virtude de sua eficácia simbólica, em proveito da construção da identidade local. Deste modo,

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocidade mais unificados e predizíveis (Idem, 2002, p.11-12).

A partir desta discussão, tomamos conhecimento de que nos projetamos nas identidades culturais na medida em que internalizamos seus significados e seus valores. Assim, a construção da identidade do povo umbuzeirense se dá, antes de tudo, a partir do lugar social e cultural dos sujeitos ali presentes. Entretanto, não podemos perder de vista, que as identidades exteriores também contribuem com esta formação.

No que diz respeito a isso, podemos dizer que a identidade local e seu processo de formação estão intimamente relacionados com os discursos religiosos de Frei Damião e que estes refletem consideravelmente sobre algumas relações societárias existentes no município sendo facilmente identificadas com o sentimento de pertencimento e de comunidade encontrados no local e que o caracterizam.

Adotamos algumas premissas para pensarmos a identidade local dos umbuzeirenses haja vista que, delimitando algumas questões relevantes, compreenderíamos mais facilmente os elementos que caracterizam a identidade local presente no município. Logo, apontamos para algumas questões como a idéia de pertencimento, a noção de representação (discutida anteriormente) e, conseqüentemente, a de identidade. Em nossa produção, elas estão entrelaçadas de uma forma que não podem ser compreendidas separadamente.

Nesta perspectiva, não podemos perder de vista que, como conseqüência do processo de socialização, a cidade ganha espaço como local de convivência onde as relações cotidianas se constroem e se fortalecem, pois elas são formadas a partir de um sentimento de pertencimento. Assim sendo, observamos que esta idéia é formada a partir de um sentimento de pertença que se dá tanto através de seu local de nascimento ou de moradia quanto por uma mera pertença de caráter afetivo ou via relacionamento com os moradores do município. Desta forma,

Ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este local não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais” (Hall, 2002, p. 77-78).

De acordo com Hall (2002), não devemos pensar o local de maneira desarticulada. Pois, este local deve atuar a partir do global. Desta forma, a identidade do povo umbuzeirense construída a partir dos discursos de Frei Damião, não pode ser entendida separadamente. Ela deve ser analisada em conjunto com o global, ou seja, deve ser entendida a partir de elementos internos e externos ao município.

Diante desta discussão, notamos que é possível delimitar esta idéia de pertencimento ao município de Umbuzeiro a sua intensidade e a sua valoração na medida em que a analisamos em um contexto mais amplo. Neste caso, a intensidade pode ser medida através da idéia de reconhecimento de uma forma positiva, isto é, na medida em que um sujeito se utiliza de instrumentos como os discursos religiosos para se mostrar pertencendo à cidade.

Esta relação é medida pelos próprios moradores como uma característica extremamente positiva, sendo ressaltada pelos nossos depoentes em nossas entrevistas.

Além disso, esta integração também é reforçada por certo isolamento do município tanto no que se refere às suas características ligadas ao território, ao seu aspecto material quanto à sua forma cultural que se expressa através do cotidiano, das práticas simbólicas e da vida coletiva dos umbuzeirenses.

Por meio destes pressupostos, tomamos conhecimento de que os discursos religiosos do capuchinho é um dentre inúmeros elementos que caracterizam o povo umbuzeirense. Assim sendo, enfatizaremos um pouco mais a influência deles na construção da identidade local. Influência essa que se dá pela força que tais discursos têm. A propósito disso, temos o seguinte discurso

Costuma-se dizer, no mundo, que para todos os males há um só remédio, e isso geralmente é verdade. Embora sejam grandes os nossos males, sempre podemos aliviá-los. Mas para uma só coisa não há remédio algum: para a perda de nossa alma, para a falta de nosso último fim. Ainda que tivéssemos adquirido a sabedoria dos mais ilustres filósofos, ainda que tivéssemos alcançados as honras dos maiores vencedores de guerra, ainda que tivéssemos ganho, mesmo, o mundo inteiro, tudo isto de nada nos serviria se depois perdêssemos a nossa alma (FREI DAMIÃO apud BRAGA, 2002, p 49).

Com estas palavras, percebemos a força existente nos sermões de Frei Damião. E é justamente essa força que faz com que os fiéis umbuzeirenses se sintam mais católicos e mais pertencentes ao local. Desta forma, a construção da identidade local evidencia-se em Umbuzeiro através de um sentimento de pertença que também funciona como um potencializador de uma identidade coletiva que caracteriza o município em relação aos outros.

Além disso, percebemos que certas atitudes tomadas por Frei Damião, assumiam tamanha importância, que levavam seus fiéis seguidores a se impressionarem e até passarem a temê-lo ou admirá-lo. Desta forma, podemos entender como este missionário conseguia medir forças com outras práticas religiosas, tendo chegado a alcançar, em várias ocasiões, resultados favoráveis que lhe proporcionou a confiança dos fiéis. Entretanto, não podemos perder de vista que não só seus seguidores fiéis acreditavam em seus discursos como também alguns de seus amigos missionários. No que diz respeito a isso, temos

Acredito, sim, nos milagres que Deus opera, porque é sempre Deus quem faz milagres através desse instrumento fiel e maravilhoso que é Damião de Bozzano! Quem não tem problema a resolver em casa? Quem não tem uma doença na família? Frei Damião tem sido uma grande ajuda para muitos nestas ocasiões. E, por isso, o número dos que correm atrás dos milagres é grande, pois grande é o número dos que necessitam. Jesus disse: Vinde a mim vós todos que vos achais sobrecarregados... eu vos aliviarei (PADRE ANTONIO MARIA apud BRAGA, 2002, p. 59).

Diante deste relato do padre Antonio Maria apresentado por Braga (2002), percebemos que além de seus fiéis, muitos dos missionários que conheceram o trabalho deste capuchinho, acreditam nele piamente. Pois, seus discursos, como já mencionamos, tocavam o coração da grande maioria daqueles que o ouvia.

Mediante as idéias enfatizadas acerca da construção da identidade do povo umbuzeirense, tomamos conhecimento de que os discursos religiosos de Frei Damião no município, embora tenham uma perspectiva cultural popular, isto é, embora representem elementos que caracterizam o catolicismo em sua vertente popular, abarcam em sua complexidade todas as camadas sociais, ou seja, tanto os mais abastados quanto os menos favorecidos e fazem uso de tais discursos para se construírem como pessoa e/ou como umbuzeirenses. Entretanto, não podemos nos

esquecer que ao mencionarmos todas as camadas sociais, estamos nos referindo a elementos que compõem tais classes e que acreditam nos sermões deste missionário.

Sendo assim, devemos enfatizar que os discursos religiosos do Frei simbolizam a identidade cultural do povo umbuzeirense na medida em que toca com o imaginário e o cotidiano das pessoas que compõem o local.

Nesta perspectiva, constatamos que os conselhos deste missionário capuchinho estão presentes na memória dos devotos e romeiros umbuzeirenses e que eles são incorporados à cultura local por suas práticas cotidianas que buscam ressignificar o passado da comunidade.

Dessa forma, analisando os depoimentos de nossos entrevistados, pudemos perceber que a identidade do povo umbuzeirense construída por meio dos discursos religiosos se fortalece mais e mais a cada dia. Além disso, intuímos que através de tais relatos, o município passa a ser visto de maneira diferenciada tanto pela comunidade quanto por nós pesquisadores.

Sendo assim, neste texto, rememoramos a satisfação de uma parte da população umbuzeirense, em participar das missões de Frei Damião jamais esquecidas e sempre admiradas. Pois, como já enfatizamos os discursos deste missionário capuchinho foram e ainda são de fundamental importância para a constituição da identidade dos católicos da cidade de Umbuzeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa produção, refletimos sobre a influência dos discursos religiosos de Frei Damião na construção da identidade da grande maioria dos católicos de Umbuzeiro, enfatizando que suas práticas e seus sentimentos religiosos não são simples tradições de um passado, são representações do “eu” individual ou coletivo que se realizam a cada momento e em cada ato da vida.

Uma das questões mais complexas que se apresenta em nosso estudo, é a compreensão das práticas e das representações culturais que aparecem na história das religiões e da religiosidade. Pois, tanto as práticas quanto as representações são sempre resultado de algumas motivações e necessidades sociais.

Por isso, para compreendermos melhor nosso objeto, fizemos um apanhado historiográfico destas noções, analisando cada uma delas dentro de nosso campo de estudo. Além disso, fizemos uma abordagem acerca da possível relação existente entre estas noções e a de imaginário e percebemos que elas são portadoras do simbólico. Para o estudo destas noções utilizamos dentre outros, autores como Pesavento (2005) e Barros (2004).

Diante deste contexto, enfatizamos a construção da identidade do povo de Umbuzeiro, principalmente, a partir das noções de representação e de imaginário vinculadas com as práticas de vivência de cada um dos fiéis seguidores de Frei Damião.

Além disso, também procuramos discutir, a partir de relatos e depoimentos de nossos entrevistados, até que ponto os discursos deste missionário influenciaram e/ou influenciam na formação da identidade de grande parte dos católicos da cidade.

Abordamos essa discussão porque o atual momento vivido exige dos indivíduos, como cidadãos, uma maior participação na defesa e na valorização da história local. Haja vista que, constantemente, comemora-se com louvor o desenvolvimento tecnológico e científico do país, esquecendo que tal progresso também traz grandes problemas para a humanidade. E a destruição parcial ou total da identidade local é um exemplo expressivo desta problemática.

Nesta perspectiva, podemos dizer que nossa produção foi pensada com a finalidade de amenizar esse quadro, isto é, foi trabalhada objetivando ressignificar a história local do povo de Umbuzeiro. E, dada a importância da religião em nossa formação cultural, nosso estudo se propõe dentre outras finalidades, a identificar as

principais características e recorrências dos discursos religiosos do missionário capuchinho no imaginário mítico-religioso umbuzeirense ao longo de sua história.

Assim, situando-o no contexto ideológico e social do período compreendido (1977 a 1996), procuramos verificar de que modo idéias que se originaram em épocas passadas, conseguem permanecer vivas e atuantes, chegando a influenciar fortemente na construção identitária de um povo.

Além disso, não podemos perder de vista que, para a realização de nosso trabalho, a história oral foi uma metodologia de fundamental importância, sendo enfatizada principalmente por meio dos discursos de Freitas (2006).

Podemos dizer, finalmente, que esta produção que tem como base, principalmente, os discursos de Andrade (2002), abordando o cenário religioso do Brasil, os de Freitas (2006), enfatizando a importância da história oral e os de Hall (2002), expondo sobre a construção de identidades, problematizando a contribuição ou não dos discursos religiosos de Frei Damião na formação da identidade de grande parte dos católicos da cidade de Umbuzeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.
- ARAUJO, Raimundo Inácio Souza. **Discurso, disciplina e resistências: as visitas pastorais no Maranhão setecentista**. – São Luís: EDUFMA, 2008.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BRAGA, Wilson. **Frei Damião: O andarilho de Deus**. – 2ª ed. – Brasília, 2002.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Maria Lopes. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. Unidade e Variedade na História Cultural. In: _____. **Variedade de História Cultural**. RJ: civilização Brasileira, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. – 2ª ed. Memória e Sociedade, DIFEL, 2002.
- DE LUCA, Tânia Regina. **Histórias dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula Inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

- GOMES, José Eduardo. **Umbuzeiro 100 Anos de Fé**. 1ª ed. Umbuzeiro, 2002.
- _____. **Umbuzeiro 100 Anos: Nossa Terra – Nossa História – Nossa Gente**. Umbuzeiro – PB, 1995.
- GUERRIERO, Silas. A construção da realidade: imaginário, mito e religião. In: _____. **Antropos e psique: o outro e sua subjetividade**. 8. ed. – São Paulo, SP: Editora Olho d'água, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KEMP, Kênia. Identidade Cultural. In: GUERRIERO, Silas. **Antropos e Psique: O outro e sua subjetividade**. 8. ed. – São Paulo, SP: Editora Olho d'água, 2008.
- PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo”** Erundina. – São Paulo: Cortez, 1992.
- PESAVENDO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a Perspectiva dos estudos culturais**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VALDERLINDE, Tarcísio. **Fragmentos de inconformidade: sociedade, territórios, espaços**. – Cascavel: Edunioeste, 2009.
- ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zarar Editores, 1983.

LISTA DOS ENTREVISTADOS

Josefa Quirino do Nascimento. 74 anos. 12/09/2011.

José Renato da Silva. 79 anos. 18/08/2001.

Maria Pereira da Silva. 65 anos. 20/07/2011.

Tarsila Maria da Silva. 84 anos. 13/08/2001.